

História & Livro e leitura

History & Book and reading

Victor Emmanoel da Silva Rocha

Estudante de Arquivologia na UFF

BELO, André. **História & livro e leitura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

André Belo é um historiador português que atua na Université de Rennes, em Paris, França. Seu campo de pesquisa concentra-se na história da leitura e da informação em Portugal nos séculos XVII e XVIII, bem como em questões relacionadas à identidade social e testemunho. Sua experiência com a edição digital entre 1997 e 2001 permitiu uma maior aproximação e reflexão sobre o livro e a leitura ao longo do tempo.

História & livro e leitura, escrito por André Belo, aborda a atenção crescente que a história do livro e da leitura vem recebendo em universidades europeias, norte-americanas e da América Latina. O autor destaca eventos e publicações que têm permitido um diálogo consistente sobre as transformações do meio editorial ao longo do tempo, especialmente nas últimas décadas, com o surgimento de recursos tecnológicos. O livro é descrito como uma reflexão sobre a história do livro. O autor busca refletir sobre como esse tema vem sendo estudado pelos historiadores, explorando sua relação com a edição digital, a evolução da história da história do livro e sua conexão com a história da leitura. Além disso, destaca o diálogo com outras áreas e a abordagem de outros territórios, tempos, suportes e meios de comunicação, superando os discursos tradicionais sobre o livro impresso e a história moderna europeia.

No capítulo III da obra, "*Para além do livro impresso*", o autor destaca a escolha feita em relação à historiografia francesa. Nesse contexto, a



história da leitura é abordada como uma área de estudo interessada em examinar o livro como um veículo de ideias que se relaciona com a economia e a sociedade.

A perspectiva demonstra a importância de compreender não apenas o conteúdo dos livros, mas também o contexto em que foram produzidos e consumidos. Ao considerar a relação entre o livro e a economia, por exemplo, é possível analisar o impacto do comércio de livros, as práticas de leitura em diferentes classes sociais e mudanças na produção da disseminação do conhecimento ao longo do tempo.

Ademais, a conexão entre o livro e a sociedade amplia a compreensão da leitura como uma prática social e culturalmente situada. O autor explora como as ideias contidas nos livros refletem e influenciam as estruturas sociais, as normas culturais e os debates intelectuais de determinado período histórico.

Ao discutir a história do livro e da leitura antes da invenção da impressão. A historiografia francesa tradicionalmente concentrou-se na época de Gutenberg e na tipografia artesanal como a era clássica do livro, negando fases anteriores e posteriores. Entretanto, os estudos recentes apontam a importância do códice e da leitura na Idade Média, assim como a continuidade entre as práticas de leitura na Idade Média e no Renascimento. A edição de textos também é ampliada para incluir práticas de divulgação oral e cópia manuscrita anteriores à impressão. O autor destaca a busca dos escritores por intermediários que pudessem divulgar suas obras e controlar a reprodução e a adulteração dos textos. Outrossim, a história da edição de textos é ampliada para incluir todos os meios de circulação de textos ao longo da história, desde os rolos e tabuinhas da Antiguidade até o formato digital atual. As obras mais recentes abordam a cultura escrita como um todo, incluindo suas formas.

Os estudos e debates na área têm sido dominados por uma perspectiva eurocêntrica, focando principalmente na história europeia e ocidental. A criação da imprensa, ocorrida na Europa no século XV, foi considerada um marco importante na cultura europeia, a relevância para outras regiões do mundo foi abordada apenas indiretamente. Isso é evidente no caso dos territórios colonizados pelos europeus na época

moderna, onde a evolução da impressão em outros continentes recebeu pouca atenção nas obras conhecidas sobre a história do livro. Entretanto, isso não significa que não tenha ocorrido produção, circulação e leitura de livros nas regiões. O eurocentrismo se tornou ainda mais evidente quando comparado a evolução do livro em culturas cristãs, como a europeia, com a história em culturas não cristãs, como a muçulmana.

O capítulo destaca o papel central do livro e da escrita na cultura islâmica e judaica, apesar da introdução tardia da impressão em língua árabe. Vale ressaltar que os motivos econômicos, sociais e culturais, bem como a sacralização do livro e da escrita árabes, contribuíram para essa diferença cronológica. Ademais, o autor menciona a necessidade de ampliar o escopo da pesquisa para incluir outras culturas, como a cultura escrita do Extremo Oriente Asiático, onde técnicas de impressão, como xilogravura, foram amplamente utilizadas antes da invenção da imprensa.

Durante a era da tipografia artesanal, o livro manuscrito e a divulgação oral dos textos continuaram existindo. As tipografias produziam uma variedade de objetos impressos como: folhetos, panfletos, retratos, pautas musicais e mapas. Esses objetos, embora menos preservados nas bibliotecas atuais, eram lidos, circulavam e tinham importância econômica para os livreiros.

A publicação de livros era um risco por conta do alto custo e necessidade de autorização prévia do poder civil e/ou eclesiástico. Para garantir o retorno do investimento, os livreiros produziam publicações mais baratas e de retorno mais rápido, como periódicos, folhetos, almanaques e textos escolares. Os periódicos introduziram novas formas de trabalho e exploração comercial na tipografia, como o sistema de venda por assinatura.

A exemplo das cartas, que muitas vezes eram lidas por várias pessoas da família ou próximas do destinatário, se aplicava à correspondência diplomática, que era altamente secreta durante o percurso, mas podia ser lida por várias pessoas além do destinatário quando chegava. Cartas e textos importantes eram frequentemente copiados e cobçados. Além disso, alguns textos, como os sermões do

Padre António Vieira, eram difundidos oralmente antes de serem impressos. A publicação oral dos textos também ocorria em academias literárias, representações teatrais e narrações em verso.

Com a necessidade de considerar outras formas de textos, além dos livros impressos, como folhetos, orações impressas, gazetas e cartas manuscritas, que não são amplamente mencionados nas fontes tradicionais. Os materiais, embora menos valorizados economicamente e menos frequentes em inventários e catálogos de bibliotecas, desempenharam um papel importante na circulação e na leitura.

A necessidade de ir além das fontes documentais existentes e usar a imaginação para tentar reconstruir o que circulou e foi lido no passado não garante necessariamente que eles foram lidos, levantando dúvidas metodológicas sobre a leitura efetiva.

Destaca-se a ausência de imprensa no Brasil colonial como uma característica fundamental de sua história cultural e social, resultado de uma decisão da Coroa Portuguesa. No entanto, a falta de imprensa não significou ausência total de produção e de circulação de livros e textos, pois a cópia manuscrita e a transmissão oral desempenharam papéis complementares importantes. A ampliação das perspectivas em relação ao livro e à leitura permite uma reflexão sobre os diferentes meios de comunicação da época, incluindo o impresso, o manuscrito e a oralidade, e sua influência na transmissão da memória escrita.

Com a necessidade de ampliar fontes de pesquisa ao citar a história do livro e da leitura, considerando que as obras tradicionalmente utilizadas são incompletas e estáticas. O autor destaca também fala sobre a importância de considerar outros materiais escritos, entre eles folhetos, orações impressas, gazetas e cartas manuscritas, que circulavam facilmente e eram lidos por um público mais amplo do que os proprietários. Entretanto, realça também a importância de imaginar o que foi lido além do que as fontes indicam e questiona a leitura efetiva dos livros, além de destacar a importância de considerar os objetos desvalorizados pelos estudiosos do livro antigo e os diversos usos práticos do livro ao longo da história.

Belo defende a importância de ampliar o conceito de texto para além da linguagem escrita, incluindo qualquer sistema de signos que gere significados. Assim, filmes, por exemplo, podem ser estudados através da análise de seu suporte físico, recursos expressivos, narrativa, retórica, produção, difusão e recepção, de forma semelhante aos livros. Para sustentar sua proposta, o autor fundamenta-se nas sugestões de Donald McKenzie de uma diluição das diferenças entre os meios de comunicação, mas um trabalho mais rigoroso sobre eles: uma acumulação de saber erudito e bibliográfico sobre as características materiais e técnicas dos filmes, dos discos e dos aparelhos que os emitem.

Recordar a relação do texto e da imagem, especialmente durante a era industrial da tipografia. Com o desenvolvimento das técnicas de ilustração e o surgimento da fotografia, surgiu a capacidade expressiva da imagem e na combinação entre texto e imagem em publicações como jornais, revistas e livros ilustrados. A linguagem escrita e icônica antes nunca pensadas como estado em oposição, nem pelos editores nem pelos leitores. Assim como a leitura apresenta significado ao texto, também há uma leitura dos sentidos transmitidos pela imagem e pelos recursos visuais disponíveis.

Sobre o autor

Victor Emmanoel da Silva Rocha 

Estudante de Arquivologia no Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Niterói (RJ).

Email: victoremmanoel@id.uff.br

Histórico

Recebido em: 28/07/2023. Aprovado em: 31/07/2023. Publicado em: 01/10/2023.